



isto é inconfidência

BOLETIM INFORMATIVO DO MUSEU DA INCONFIDÊNCIA

ANO IV • Nº 9 • 2002



Deputado João Mathias

A viagem que não aconteceu

editorial



O falecimento de Herculano Gomes Mathias representou grande desfalque para os estudos sobre a Inconfidência Mineira. Não temos notícia de quando o historiador carioca começou a se interessar pelos acontecimentos políticos de Vila Rica no século XVIII, mas podemos precisar o momento em que o assunto se tornaria para ele crescente paixão. Em 1969, na condição de Diretor da Divisão de Documentação e Divulgação do Museu Histórico Nacional, preocupado com a insuficiência da edição dos *Autos de Devassa* realizada pela Biblioteca Nacional, procurou alertar as autoridades, advogando a necessidade da retomada da publicação, que em seu entender devia ser complementada. Fracassadas as gestões feitas junto ao Instituto Nacional do Livro, três anos depois a Câmara Federal se mostraria sensível a seus argumentos. Ficou logo encarregado de organizar os originais, que tempos depois começariam a ser encaminhados à Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, vencedora de concorrência então aberta.

2 A grande empreitada, iniciada em parceria com Tarquínio J.B. de Oliveira, que integrou o projeto em nome do governo mineiro, iria atravessar momento de crise à altura da entrega do quinto volume, devido ao desaparecimento prematuro do historiador residente em Ouro Preto. Ficando com a responsabilidade de assumir a totalidade do trabalho, Herculano não se intimidou. Embora a tarefa se encontrasse pela metade, os originais foram normalmente sendo entregues, graças à sua sempre louvada tenacidade e disciplina. A ânsia de perfeição que nunca o abandonou era tal que, dez anos depois de concluída a nova edição, ele aparecia com um volume extra, o nº II, em que arrolava documentos ainda desconhecidos e corrigia ou completava outros já divulgados.

Adepto do método positivista, Herculano Mathias estava sempre insistindo na importância do documento, para ele único apoio capaz de possibilitar uma incursão em base verdadeiramente científica pelo passado. Essa circunstância é que sem dúvida contribuiu para que fosse a pessoa mais indicada para rebuscar os arquivos deste país e trazer à luz a documentação completa sobre os acontecimentos políticos de Vila Rica. Com dedicação e eficiência, ele preparou o terreno, para o trabalho das gerações que estão chegando e as que continuarão a aparecer, empenhadas na interpretação de um dos episódios fundamentais da nossa história.

Na matéria de capa desta edição, último artigo de Herculano Gomes Mathias, mais uma vez a sua fé no documento é proclamada.

Capa:

HERCULANO GOMES MATHIAS

isto é inconfidência

ANO IV • Nº 9 • 2002

Publicação do
MinC - IPHAN - Museu da Inconfidência

Praça Tiradentes, 139 • Cep 35400-000
Ouro Preto • Minas Gerais

Fone fax (31) 3551 1121 e 3551 5233
museuinc@feop.com.br

Tiragem:
1500 exemplares

Periodicidade:
Trimestral - jan/fev/mar

Projeto Gráfico
Lais Freire dos Reis

Editor
Rui Mourão

Projeto Girassol

A Área Pedagógica do Museu da Inconfidência, em parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, que ofereceu a contribuição de uma terapeuta ocupacional, partiu para propor atividades aos usuários do programa de saúde mental, e acabou alcançando êxito além do que esperava. Conquistou o Prêmio David Capistrano da Costa Filho, do Ministério da Saúde, no valor de cinqüenta mil reais.

A demanda foi de usuários do Programa Municipal de Saúde Mental. O fundamento do projeto era o de que, diante da problemática da identidade e da alteridade, o convívio com as múltiplas formas da condição humana seria necessário e benéfico à formação de qualquer indivíduo. O processo de exclusão social, propiciando o desligamento do mundo real, constitui sério prejuízo para os que padecem de sofrimento mental.

Na prática, o que se pretendeu com a atividade foi o restabelecimento dos vínculos cotidianos da pessoa, a partir de visitas a locais públicos como museus, galerias, teatros, oficinas de arte e ofícios, com o objetivo de restaurar a trama das relações sociais e simbólicas necessárias ao convívio humano.

O nome do projeto já definia com clareza os objetivos visados. Como um girassol que busca a luz, aquele que se acha excluído tem possibilidade de recolocar-se diante da realidade, desde que seja motivado a ver, com novos olhos, aquilo que já havia visto. De que maneira se poderia chegar a tal resultado? Na dinâmica do andar, cantar, sonhar, filosofar, conhecer novos lugares, reconhecer nosso patrimônio, o ser que se encontra em situação de transtorno, reaprende a conviver; a estar no mundo.

EQUIPE PEDAGÓGICA



A viagem que não aconteceu

Um achado inesperado

4 Em julho de 1968, ao examinar a caixa nº 135 do Arquivo Histórico Ultramarino, em Lisboa, encontrei dois documentos originais com o nome do alferes Joaquim José da Silva Xavier. Em 1787, o militar do regimento da cavalaria da capitania de Minas Gerais requeria à rainha D. Maria I, licença para deixar o Brasil e viajar a Portugal, sem ônus para a Coroa, a fim de resolver assuntos particulares. No ano seguinte, 1788, vinha a justificativa de não ter podido empreender a viagem, por motivo de moléstia.

Como os documentos até aquela altura fossem desconhecidos, em qualquer tempo nenhuma referência a respeito chegara a ser feita, avalei a importância da matéria. Dei conhecimento do achado a Manuel Rodrigues Lapa, companheiro de pesquisa da época. Em consequência, ele abordaria o assunto em artigo publicado no Suplemento Literário do *Minas Gerais* (Belo Horizonte, 14/12/58).

As duas petições do Alferes Xavier posteriormente figurariam no meu livro *Tiradentes através da imagem* (Rio de Janeiro, Edições Ouro, 1968). Pesquisas posteriores, que empreendi no Arquivo Histórico Ultramarino, não trouxeram novas luzes sobre a matéria. Não consegui localizar qualquer outro documento sobre tal viagem, que até hoje carece de provas irrefutáveis.

Um encontro histórico

A 2 de março de 1788, Joaquim José da Silva Xavier teve autorização para se deslocar para o Rio de Janeiro. O alferes da cavalaria de Minas Gerais desejava obter apoio para a realização de obras públicas de abastecimento de água, construção de moinhos e trapiches destinados ao embarque de gado. Sem poder de decisão, as autoridades encaminharam os papéis ao Reino.

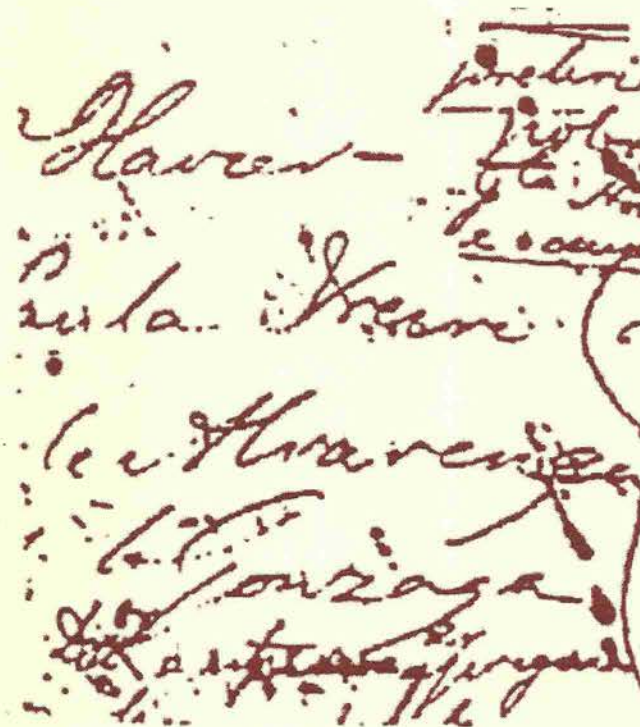
Aconteceu que em julho do mesmo ano, desembarcava no Rio de Janeiro o naturalista José Álvares Maciel. Esse - "Chegado da Europa" - manifestara estranheza diante do clima de indiferença que notou em sua pátria onde, contudo, muita gente tomara conhecimento da independência dos Estados Unidos da América do Norte.

No encontro com o alferes, surgiriam as primeiras conversas sobre a hipótese de dar início a um movimento conspiratório, visando a independência da parte da colônia conhecida como Estado do Brasil: capitânicas de Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro. Em meados daquele mesmo ano, o Alferes Xavier começaria a desinteressar-se do seu projeto.

A comédia dos equívocos

A descoberta, em data relativamente recente, de fragmentos de rascunho na seção de manuscritos da Biblioteca Nacional, provocaria alvoroço por parte de historiógrafos pouco familiarizados com a documentação confiável do processo judicial das devassas sobre a Inconfidência.

O rascunho continha algumas anotações sobre os conjurados, entre os quais uma referência a Tiradentes, que era dado como "Chegado da Europa":



The image shows a fragment of a handwritten manuscript in cursive script. The text is written in dark ink on aged paper. Legible words include 'Haver', 'Tiradentes', and 'Gonzaga'. The handwriting is somewhat messy and appears to be a draft or a note. There are some corrections and scribbles throughout the text.

O autor dos rabiscos se enganara redondamente. Quem havia chegado da Europa em julho fora José Álvares Maciel, não Tiradentes. Os dois se encontraram na capital, de onde seguiriam separadamente para Minas Gerais. Maciel, na comitiva do Visconde de Barbacena, nomeado para suceder ao famigerado Luís da Cunha Meneses - o Fanfarrão Minésio das *Cartas Chilenas* - e Tiradentes, dando cobertura ao desembargador Pedro José Araújo Saldanha, nomeado para substituir, na Ouvidoria de Vila Rica, Tomás Antônio Gonzaga, então noivo de Maria Dorotéia Joaquina de Seixas, Marília de Dirceu.

Capa de São Jorge



6 **A**tribuída a Aleijadinho, a imagem de São Jorge é destaque no Museu da Inconfidência. De grande porte e muita força expressiva, com traços daquele primitivismo que constitui a marca brasileira do estilo do mestre, a peça goza de incontestável popularidade. Ultimamente, vem sendo requisitada para prestigiosas exposições no exterior. Depois de ocupar o centro de uma sala na exposição "Entre o Céu e a Terra", no Petit Palais em Paris, no momento é uma das presenças na rampa do Museu Guggenheim, em Nova York, onde acontece a exposição "Body and Soul".

"São Jorge" incorpora os seguintes atributos: armadura, escudete e lança. No período colonial, a escultura se apresentava com um elemento a mais, a capa, para participação em procissões religiosas. Jogado sobre as costas, o excepcional manto em veludo de seda grená, preciosamente bordado com fios metálicos dourados, produzia deslumbrante efeito cenográfico.

A imagem de São Jorge a cavalo começou a ser incorporada à procissão do Corpus Christi em 1387, por ordem de D. João I, grande devoto do mártir. A tradição medieval ensina, a caminho de uma batalha, o guerreiro encontrou o sagrado Viático e o acompanhou com sua tropa. Surgiu daí, o fundamento religioso do cortejo. Como a procissão de Corpus Christi era a mais solene de Portugal, ela viria assumir proporções de raro brilho no Brasil, especialmente após a chegada da família real em 1808. Segundo a lenda, a imagem

Havendo sofrido desgaste progressivo, devido a seu peso e à delicadeza do material que a compõe, de resto pouco adequado para uma constante exposição à luz, essa parte da indumentária da imagem há muito se encontrava recolhida à reserva técnica. Pouca gente a conhece. Seu reaparecimento constituiu surpresa até para funcionários da casa.

A recuperação da preciosidade que permanecia sumida entre outros objetos em tecido a aguardar restauração foi promovida, em 1999, pela firma Maçanduba. Segundo o relatório da técnica responsável, era o seguinte o seu estado:

O veludo se encontrava totalmente fragilizado, com enormes áreas de perda. Dobrada durante anos, seu tecido ficou marcado e rasgado nas áreas de dobras. Possivelmente, tenha sido exposta a intensa luz natural, apresentando descoloramento da tonalidade vinho, que se tornou esverdeada. Com perda de pelo, o veludo se achava ressecado, impondo manuseio cuidadoso.

Realizado em diversas etapas, o tratamento demandaria meses de trabalho. Feita a planificação da capa, providenciou-se a sua higienização, hidratação e consolidação sobre organza de seda, com auxílio de fina película de adesivo Beva 371. A recuperação do seu estado original passou pela recomposição das áreas de perda, lavagem das rendas metálicas com água deionizada e sabão W.A.Orwuns, limpeza com sabão Vulpex do fio metálico, que recebeu ainda proteção com para-loide B72, e geral reativação da cor por meio de corantes.

JANINE MENEZES Y OJEDA
MUSEÓLOGA



esculpida pelo Aleijadinho, desfilando entre aclamações de entusiasmo em lindo cavalo branco, acompanhada de tropas, do clero e das irmandades e ordens terceiras, desequilibrou-se num escorregão da montaria, matando um soldado. Com armadura de corpo inteiro, no braço esquerdo escudete com a divisa *Ad Honorem dei Gloria*, o santo empunha a arma.

MARIA JOSÉ ASSUNÇÃO DA CUNHA

Estilo Brasileiro

O arquiteto Glauco de Oliveira Campello, ex-presidente do IPHAN, acaba de publicar, em esforço conjunto da Editora Casa da Palavra/INL-MinC, o ensaio *O Brilho da Simplicidade*, que estuda o legado da arquitetura colonial nordestina - manifestações situadas nos primeiros tempos do período colonial. Ao fazer numeroso exame de casos, o autor identifica certa singeleza ou simplificação de processos, característica que deve ser entendida em função da necessidade de adaptação da arte de construir a um meio onde existiam dificuldades materiais mas que, também, não deixava de ser influência de certa parti-

cularidade da cultura portuguesa. Nas suas práticas construtivas, o colonizador sempre promoveu o intercâmbio do popular com o erudito, além de primar pelo senso do realismo, ao manifestar tolerância pelas condições dos locais em que atuava.

Glauco mostra como esse traço definidor das construções franciscanas e jesuíticas, subsistindo dentro de uma sociedade de exterioridades indiscutivelmente barrocas, tornou-se, com o avançar dos anos, marca principal - o sentido profundo - da arte de edificar em nosso país. Essa característica atravessaria incólume os períodos do rococó, do neoclassicismo, até atingir a atualidade, com o modernismo.

QUE DISSERAM SOBRE NÓS

Monsenhor Jamil Nassif Abib, de Piracicaba, comentando artigo que particularmente o agradou no *Isto É* nº 6 - "Simbologia do Divino", de Maria José de Assunção da Cunha - discordou do emprego da palavra sacramento referida ao batismo de Jesus. Comenta ele: "O sacramento batismal, instituído por Jesus - usando também água - é de natureza diversa do batismo de João". Com pedido de desculpa, temos que fazer uma confissão: a impropriedade apontada, de responsabilidade do copy desk, não existe no original de Maria José.

A REDAÇÃO

Oficina do Inconfidência-Revista de Trabalho alcançou, no número 1, qualidade superior. Reúne textos que enriquecem os estudos sobre Minas colonial e a cidade de Ouro Preto. O formato e o trabalho gráfico muito contribuem para a valorização dos ensaios.

ÂNGELO OSWALDO DE ARAÚJO SANTOS
SECRETÁRIO DE CULTURA DE MINAS GERAIS

Através do nº 7 de *Isto é Inconfidência* pude tomar conhecimento por inteiro do drama de Curt Lange e rever o conceito que formei dele, errado, como Rui Mourão bem demonstrou. Me lembro direitinho, eu adolescente, na livraria dos meus tios, a velha Itatiaia da rua da Bahia, bisbilhotando uma roda de intelectuais que metiam o pau em Curt Lange. Verdade se faça, meu tio Pedro Paulo defendia o homem. Como santo de casa não é ouvido, guardei foi a impressão da maioria, agora felizmente desfeita com a leitura do bem lançado editorial e da reportagem que o segue. Beleza!

PEDRO ROGÉRIO MOREIRA
JORNALISTA

Parabéns por *Isto é Inconfidência*.

LUIZ CLÁUDIO DE CASTRO
CANTOR E DESENHISTA

A matéria de *Isto é Inconfidência* sobre o herói da Inconfidência Mineira, afirmando mais uma vez que Tiradentes foi um homem que manteve a palavra, é auspiciosa. Valor grandemente esquecido em dias atuais, a palavra.

FLÁVIO ANDRADE

COORD. DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA UFOP

Meus cumprimentos aos gestores do Museu e aos redatores de *Isto é* pelo trabalho sério, dedicado e extremamente importante que vêm realizando em prol da Cultura Brasileira. Em tempos de tanta aridez e estreiteza de espírito com relação ao nosso fazer cultural, trabalho como o que vem sendo desenvolvido pelo Museu representa resistência à mediocridade.

CLÁUDIO RIBEIRO

MAESTRO - RIO GRANDE DO SUL

Quero agradecer a remessa constante do boletim *Isto é Inconfidência*. Como brasileira estudiosa da história mineira, sinto-me feliz ao ler a preciosa publicação, sempre tão cuidadosa em resgatar a história colonial.

NEUSA FERNANDES

PROFESSORA E HISTORIADORA

Rever os assuntos da história de Minas Gerais é sedutor exercício de inteligência, razão pela qual constitui alegria redobrada receber *Oficina do Inconfidência* e *Isto é Inconfidência*, marcos definidores da eficiência dessa renomada instituição cultural mineira.

WOLMAR OLYMPIO NOGUEIRA BORGES

ADVOGADO E HISTORIADOR

Agradeço a remessa de *Isto é Inconfidência* e cumprimento pela oportunidade e consistência dos artigos.

MÁRCIO JARDIM

HISTORIADOR

Tenho recebido os ótimos boletins do Museu.

LUIZ FERNANDO MENDES VIANA

POETA

A Câmara de Comércio França-Brasil, seção Minas Gerais, agradece o recebimento de *Isto é Inconfidência* e cumprimenta os editores pelo excelente trabalho.

ÂNGELA PAIVA

CCFB MINAS

É com prazer que recebo *Isto é Inconfidência*, prova de resistência de uma instituição que realiza façanhas inimagináveis com os poucos recursos que recebe. Espero sempre ansiosa a chegada de novo boletim.

CLÉIA SCHIAVO WEYRAUCH

PROF. DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
CIÊNCIAS SOCIAIS DA UERJ

Isto, Rui, dá-lhe! que esse Diogo Mainard é um Paulo Francis atrasado. Você deu uma resposta serena e técnica. Acho bom você marcar a presença toda vez que disserem esses desatinos.

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

ESCRITOR E PROFESSOR

Cumprimento-o pela *Oficina do Inconfidência-Revista de Trabalho*.

CELINA ALBANO

SECRETÁRIA DE CULTURA DE BELO HORIZONTE

Gostaria de continuar recebendo *Isto é Inconfidência*.

ALEXANDRE MAGALHÃES

COORDENADOR DA BIBLIOTECA
PROFESSOR JOAQUIM SEPÚLVEDA-SABARÁ

Restauração

Com financiamento da Vitae, Apoio à Cultura, Educação e Promoção Social, o Museu da Inconfidência está pondo em ordem a sua coleção de têxteis. Há dois anos a restauradora Luciana Coutinho, no atelier no Rio de Janeiro, trabalha com exclusividade para Ouro Preto. As peças que sucessivamente têm sido entregues comprovam a excelência do critério adotado pela técnica, cuja formação foi realizada na Inglaterra.

Treinamento

Por solicitação da Casa de Cultura Angelina Lopes Assad, da cidade de Anchieta, no Espírito Santo, quatro educadores serão treinados pela nossa Área Pedagógica. No seu retorno, eles deverão estar em condições de implantar, na sua terra, um programa tão eficiente e diversificado como o que aqui se realiza.

Sala Athaíde

Com a interrupção temporária de suas atividades, devido às obras de reconstrução e ampliação do Anexo II, a Sala Manoel da Costa Athaíde aproveita o receso para preparar seu catálogo, que deverá aparecer proximamente em luxuosa edição. São quinze anos de funcionamento ininterrupto que serão cobertos. Artistas nacionais do maior porte por ali passaram. E numerosas exposições de acervo museológico também foram realizadas, às vezes implicando em desdobrado esforço de pesquisa.

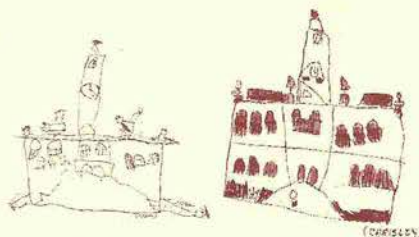
Anexo I

Estando em fase de finalização a obra do Anexo II, foi encomendado ao arquiteto Glauco Campello projeto para a rearmadura do Anexo I, que não pode ficar em situação de desequilíbrio com relação ao vizinho.

A reforma implicará na construção de novos banheiros e de mezanino em balanço para o interior do auditório. Nesse serão localizados dois depósitos, além das máquinas de projeção. Os sistemas de iluminação e som serão modernizados e nas paredes laterais do salão será instalado um lambri de madeira, de efeito estético e acústico.

Trabalho de Alunos

No Colégio Arquidiocesano de Ouro Preto, com a coordenação da professora Lúcia Simplicio Ferreira e a assessoria psicopedagógica de Elizabeth Lomas Gomes, foi realizado pelos alunos do 1º período de 2001 o Projeto de Investigação Científica denominado *Ouro Preto se Encobre ou Descobre?* O trabalho resultou na elaboração de um folheto informativo completo sobre o Inconfidência: sua localização, índice de visitação, dados gerais, síntese histórica. Editado com requinte gráfico, o produto apresentou folha de rosto emocionante, seis desenhos da fachada da Casa de Câmara e Cadeia, assinados por jovens de indiscutível talento artístico:



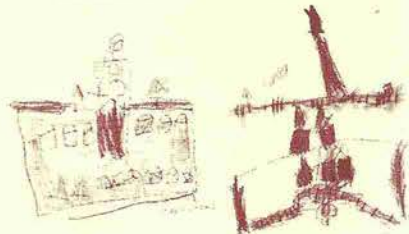
Thaís

Chrisley



Nicholas

Felipe Pimenta



Maria Luiza

Gabriela

Merece referência também a apropriação feita da nossa instituição. Debaxo do nome Museu da Inconfidência, se lê: *modo de usar*. É gratificante para os que aqui trabalham saber que a repartição se tornou, para os visitantes, algo de utilidade verdadeira, um objeto para ser usado.

Música

Acaba de ser lançado o catálogo *Acervo de Manuscritos Musicais*, vol. III, dedicado aos anônimos, em coedição com a Editora da Universidade Federal de Minas Gerais. Pela EDUSP será editado o terceiro volume da coleção *Música do Brasil Colonial*, de partituras transcritas, em condições de atender a maestros e orquestras que as desejem executar. Os originais que devem seguir para São Paulo estão em fase final de organização.

Tiradentes

Eduardo Amat Silva, professor da Faculdade de Ciências Econômicas do CCG/UNA, a propósito do que escreveu Marco Antônio Vila em sua cartilha *Sociedade e História do Brasil*, afirmou:

"A importância de Tiradentes como herói nacional nos faz refletir sobre o seu papel de símbolo da luta em prol da nossa liberdade. Imagine-se o Brasil do século XVIII, um país dominado pela Coroa portuguesa, explorado e posto em segundo plano. Qualquer iniciativa que levasse ao desenvolvimento - a um aumento do bem estar da população - era sumariamente combatido. Como existia uma população brasileira já constituída, reagindo à opressão o sentimento nacionalista terminaria em grande revolta. Tiradentes, homem do povo, acabou sendo a expressão desse sentimento. Sem medir conseqüências, no seu idealismo pregava, sem medo, sem remorso e sem subterfúgio, aquilo no que acreditava.

O fato de se pretender desqualificar a Inconfidência Mineira e o papel de Tiradentes nos faz refletir sobre a tendência do brasileiro de sempre se colocar em segundo plano. Para ele, tudo o que é produzido pelo estrangeiro é bom, tudo o que é produzido aqui é ruim. A Inconfidência Mineira teria sido apenas um levante contra o fisco português, Tiradentes um fantoche na mão de uma burguesia.

Não teria sido o levante de Minas Gerais e a Conjuração Baiana as primeiras sementes da independência ocorrida em 1822? A quem interessaria desqualificar a Inconfidência e Tiradentes? Mais do que nunca o país, na sua vida cívica, necessita de idealistas. Como foi dito no editorial do *Isto é Inconfidência* (ano III, nº8), Tiradentes constitui alguém que deve ser preservado, antes de qualquer coisa, por razões políticas."